

# **ALGUMAS FACETAS DA CORPOREIDADE EM EDITH STEIN: CONTRIBUIÇÕES PARA UM NOVO HORIZONTE DO ESTUDO DA CORPOREIDADE**

Inaê de Proença Nunes - USP  
Cristiano Roque Antunes Barreira – USP

## **Resumo**

O trabalho descreve três facetas da corporeidade explicitadas pela fenomenóloga Edith Stein em sua obra sobre a empatia. Essas facetas são apresentadas em sua inovação frente à maneira hegemônica de se considerar o corpo do ponto de vista estritamente objetivo, indicando a abertura do estrato da corporeidade à análise filosófica e à dimensão existencial.

**Palavras-chave:** fenomenologia clássica, corporeidade, problematização epistemológica

## **Abstract**

The work describes three aspects of corporeity presented by the phenomenologist Edith Stein in her work on empathy. These aspects are presented in their innovation facing the mainstream manner of viewing the body under a strictly objective point of view, indicating the openness of the corporeity stratum to philosophical analysis and to existential dimension.

**Keywords:** classical phenomenology, corporeity, epistemological problematization

## **INTRODUÇÃO**

Considerando-se a maneira como o corpo é hegemonicamente concebido, pode-se reconhecer que este é identificado em correspondência ao que é estritamente biológico definindo-o somente como uma “coisa material”, sujeita às leis causais do universo físico. Nesse sentido, parece ser apenas marginal o reconhecimento e investigação de um corpo vivencial, ou seja, o corpo físico que é suporte das experiências ocorridas na própria existência do sujeito (COELHO JUNIOR; MAHFOUD, 2006, p.10). É em relação a esta camada da corporeidade, marginalizada no contexto quantitativo da produção de conhecimento científico, que a fenomenologia traz inovações quanto ao delineamento dos modos de compreensão da presença deste corpo vivencial.

A fenomenologia atua de uma maneira considerada, inicialmente, simples. Quando dedicada à compreensão do ser humano, seu primeiro elemento de pesquisa é identificado como “isto que temos diante dos olhos quando encontramos alguém na experiência vivida: corporeidade” (COELHO JUNIOR; MAHFOUD, 2006, p. 10). Para que exista melhor compreensão do sentido da corporeidade, pode-se inicialmente considerá-la a partir das características mais “superficiais”, aquelas físicas “que podem ser apreendidas em sua exterioridade (altura, peso, cor e etc.)” (COELHO JUNIOR; MAHFOUD, 2006, p.10).

Um segundo aspecto que envolve a corporeidade, destina-se ao fato de que não existem somente experiências no âmbito da exterioridade que despertam o corpo para as experiências vividas. Entretanto, existem também experiências de identificações da subjetividade própria do ser humano, isto é, “percebemos também que o ser humano possui pontos de recepção nos quais colhe a realidade que está diante de si, assim como a capacidade de se mover, isto é, responder de forma motora àqueles estímulos que o tocam” (COELHO JUNIOR; MAHFOUD, p. 10, 2006). Como define Stein, a filósofa que terá parte de sua obra tematizada nesta pesquisa, tais estímulos configuram-se em “*ser sensível*” e “*ser animado*”.

Todo conhecimento mencionado acima advém de estudos próprios da filosofia, realizados extensiva e primeiramente por Edmund Husserl (1859-1938), considerado o pai da

fenomenologia. Este, com formação em matemática, vincula suas pesquisas a partir de estudos da área da psicologia e as chamadas ciências do espírito ou ciências humanas, criando assim um novo horizonte em relação a pesquisas com perspectiva qualitativa. Com o método fenomenológico, Husserl parte a uma etapa importante para que se inicie uma análise que conduz à redução à essência. Ales Bello (2006, p.29) a explica de modo muito simples: “redução significa que se tira alguma coisa e coloca-se a atenção sobre outra”, cabendo ao fenomenólogo a explicitação desse processo na individuação do fenômeno.

Husserl aplica a redução à subjetividade humana: é na consciência que são apreendidos os fluxos das vivências, isto é, o ser humano tem a possibilidade de ter a percepção do sentido de seu próprio mundo. É no terreno da esfera da subjetividade que pode ser operado um movimento apelidado por Husserl de “*escavação arqueológica*”. Para Ales Bello (2006), “podem-se fazer duas comparações: a de um explorador à procura de um caminho para chegar a um ponto, e a do arqueólogo que escava a interioridade para captar o sentido da realidade” (p. 29).

Para que exista a interpretação da subjetividade humana, a “*esfera das vivências*” possui um significado importante, ou seja, é no contato perceptivo com a realidade, com o mundo circundante que traz como possibilidade a identificação da existência de uma consciência. Conforme explica Ales Bello:

didaticamente, proponho que se imagine uma espécie de placa de vidro transparente sobre a qual se inscrevem as vivências. [Husserl] nos propõe refletir sobre o fato de que nós, partindo de atos perceptivos, nos damos conta de ter consciência (2006, p. 29).

Inicia-se, então, a constituição de uma antropologia filosófica de base fenomenológica, como explica Ales Bello: “daquela análise da consciência se chega à estrutura do ser humano através da distinção qualitativa dos atos, estes agrupados em diversas esferas” (2006, p.29). Oferece-se aqui a atenção à esfera da corporeidade. Os fenômenos da dimensão corporal, aqueles assentes sensivelmente no mundo circundante, são o estrato primário da esfera vivencial. O sujeito está presente nesta esfera sensível e em sua mobilidade, sendo, portanto, um sujeito corporal. Isso distingue o sujeito fenomenológico do sujeito cartesiano, já que enquanto o último é abstraído do mundo sensível e dos sentidos que não os puramente evidentes e incorrigíveis, o sujeito fenomenológico vivencia a consciência do mundo e esta lhe é constitutiva e indispensável. No que se refere ao corpo típico estudado pela área da Educação Física, o corpo que está diante dos olhos é visto com uma leitura sedimentada que já o toma como corpo orgânico, fisiológico: a atitude natural.

Como mencionado, no interior da escola fenomenológica, destaca-se uma autora de relevância para o desenvolvimento de tal estudo: Edith Stein (1891-1942). Primeiramente Stein estudou psicologia e cultura germânica na Universidade de Breslávia, transferindo-se para Göttingen com intuito de estudar a fenomenologia, obteve contato com professor Edmund Husserl. Logo Stein tornou-se sua assistente, tomando o primeiro contato com os manuscritos de Husserl, entre os quais teve importância capital para o seu trabalho o Segundo Volume das *Ideen - Idéias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenologia*.

É justamente a partir da fenomenologia que Stein concentra-se, no que diz respeito ao ser humano, no território das vivências. É neste território, portanto, que toda a análise e compreensão de fenômenos, como a corporeidade são realizadas, apreendendo-se um sentido. Outro aspecto importante existente é a questão de uma correlação essencial: corpo-espírito, adentrando em outra esfera relacionada ao ser humano enquanto sujeito intelectual e deliberativo.

Examinando o território das vivências, a análise fenomenológica empreendida por Husserl e Stein resulta na apreensão de uma unidade do ser humano constituída por uma estrutura qualitativa tríplice: corpo, psique e espírito. A primeira dimensão desta estrutura será o objeto privilegiado desta pesquisa. O espírito é aquela esfera intelectual e volitiva que deliberadamente coloca o corpo em movimento tendo-lhe como meio de ação no mundo. A psique corresponde a uma camada que vincula atos corporais, os atos dos sentidos, os impulsos,

desejos, prazeres e desprazeres, além de atuar de modo obscuro junto às atividades conscientes podendo influenciá-las como atos inconscientes.

Dentro da perspectiva fenomenológica que integra o homem dentro da tríplice estrutura humana, Turolo coloca que “a pessoa implica em espiritualidade. O homem enquanto pessoa é ser espiritual, cujo espírito é peculiar: uma interioridade, um centro a partir do qual se possui plenamente, está em si mesmo” (p.58, 2007). Sendo assim, a fenomenologia com os estudos de Stein cobra que a ciência problematize seu olhar diante do homem, propondo que o ser humano seja estudado em outras manifestações, existindo a possibilidade de que este seja visto de maneira integral: “o ser humano se realiza na integração harmônica de uma estrutura cujos elementos são o corpo, a alma e o espírito” (TUROLO, 2007, p.58).

O método teórico-filosófico da fenomenologia, portanto, traz como possibilidade um novo direcionamento na análise fenômeno corpo. Tem-se como primeiro movimento a identificação do corpo físico, representado como uma esfera primordial, que traz como possibilidade o desvelar da corporeidade, possibilitando ir ao encontro das outras facetas que também o compõe, por exemplo, a sensível, tátil e etc. Esta dinâmica facilita compreender que a esfera das vivências se dá junto ao fluxo de consciência. Isto é, que a um mesmo fenômeno, encadeiam-se diferentes modos de aparição e conexão de sentido ao corpo.

## OBJETIVO

Esta pesquisa identifica determinados momentos descritos na obra *Sobre o problema da Empatia* de Edith Stein em que a corporeidade é analisada, reconhecendo facetas desse fenômeno cuja relevância informa elementos para uma problematização filosófica e existencial do mesmo. Os momentos ora descritos são: *Alma e corpo vivo, causalidade psicofísica; O corpo vivo estranho como centro de orientação do mundo espacial e fenômeno da expressão.*

## MÉTODO

O trabalho é fundamentado a partir da leitura da obra *O Problema da Empatia* de Edith Stein, discípula de Edmund Husserl nos estudos fenomenológicos. Nesta, foram identificados alguns trechos relativos à corporeidade, ou seja, momentos encontrados na leitura que indicaram o corpo vivente (Leib), isto é, o corpo contextualizado em sua esfera vivencial.

O corpo pode ser encontrado em suas diversas faces, inclusas fundamentalmente aquelas que possibilitam a percepção de si mesmo como constituído por facetas corporais. Nessa ordem, o corpo é vivenciado como um objeto pessoal, que possui sua intencionalidade, sendo assim considerado como próprio à unidade da pessoa. Como explica Stein: “o eu humano não é um eu puro, nem unicamente um eu espiritual, mas também o eu corporal” (1934-36/1996, p. 383).

Após a identificação de alguns trechos relativos à corporeidade, é feito o reconhecimento de suas faces fenomenológicas, isto é, do modo essencial como se mostra

Portanto, com o reconhecimento e descrição das facetas é importante ter o conhecimento de como a descrição é realizada por Edith Stein, ou seja, como ela cumpre a análise da corporeidade, que é delimitado em um indivíduo psicofísico, entretanto sempre colocando presente o ato espiritual, que possibilita o ato intencional da vivência. Tendo como referência as questões filosóficas cartesianas, neste caso a herança cartesiana e o dualismo que cinde o corpo e mente e reverbera na leitura hegemônica do corpo na cultura ocidental. A questão das operações intelectuais remete a uma espécie de filosofia das ciências, isto é, à problematização epistemológica, exigindo a compreensão daquilo que a fenomenologia denomina operações espirituais. Portanto existe a necessidade de contextualizar as ações espirituais dentro do estudo fenomenológico, no sentido de que a dimensão espiritual permite a realização dos juízos, das ações, que possibilitam ao humano colher o que a realidade suscita, oferecendo assim uma abertura do espírito para a realidade circundante, o mundo que pertence ao meu eu: “a dimensão espiritual da pessoa implica a possibilidade estrutural de abertura para o outro, para as coisas e para si mesma, num processo de apreensão que remete à presença da razão” (COELHO JUNIOR; MAHFOUD, 2006, p.13).

A cada concepção de corpo corresponde uma abertura à coisa acompanhada por um gênero de processo racional ou, o que é equivalente, uma atitude, uma orientação de consciência correlativa. Ambas, coisa enquanto faceta corporal e orientação de consciência precisarão ser descritas paralelamente.

Assim pode-se dizer que a operação espiritual possui uma relação íntima com as facetas da corporeidade no sentido de compreender que o espírito, juntamente com a psique, identifica o mundo onde o corpo está vivendo. Assim o espírito de certa maneira interioriza os valores e significados, como dizem COELHO JUNIOR; MAHFOUD: “a pessoa vivencia sua unidade com sua corporeidade e psique através do espírito (...) adotando o corpo próprio como instrumento do espírito” (2006, p. 13).

Contextualiza-se aqui o corpo estudado pelas ciências naturais na área de Educação Física, que permite a percepção do corpo como uma massa corpórea (Körper), no sentido físico, orgânico da coisa. Essa realidade nos permite uma primeira abertura, no sentido de oferecer o juízo, de problematizar aquilo que está frente a nós, permitindo o adentrar no fenômeno de fato. Neste contexto existe a possibilidade da correlação das facetas estudadas pela fenomenologia, com o corpo estudado pela área da Educação Física. Por meio da análise fenomenológica, possibilita-se o encontro da essência das facetas da corporeidade que correspondem ao humano, à sua intencionalidade, à sua pessoalidade, oferecendo um novo horizonte no que diz respeito ao estudo do corpo na área da Educação Física.

## RESULTADOS

### ALMA<sup>1</sup> E CORPO VIVO, CAUSALIDADE PSICOFÍSICA

O desvelar da causalidade psicofísica parte da compreensão do corpo físico no âmbito da esfera vivencial, denominado de corpo vivo (*Lieb*) pela fenomenologia husserliana. O *Lieb* é caracterizado por estar presente no mundo circundante, tendo como característica o influxo de vivências que dependem exclusivamente dele, revelando, desta forma, a ligação essencial com o anímico – conforme será descrito no decorrer das análises de Stein.

A pessoalidade do indivíduo é possível somente por meio da dimensão anímica, caracterizada na vivência psíquica singular. Pode-se dizer que todo o psíquico é consciência ligada à experiência de corporeidade, isto é, o corpo é condição para haver consciência do mundo por ser ele o centro de orientação do Eu.

No momento em que nos direcionamos para as experiências e buscamos uma essência pura da vivência psíquica concreta, tem-se que esta pode ser experienciada corporalmente, como o próprio exemplo que Stein oferece, <<se nos paralisa o coração>> (STEIN, 1916, p.131) de alegria, pode-se perceber a causalidade psicofísica, pois são efeitos proporcionados pelas vivências psíquicas e físicas. Esta dinâmica torna-se possível, pois está presente a consciência intencional vinculada às respectivas vivências. Entretanto, quando é suspensa a experiência diretamente ligada à corporeidade, ainda permanece o ato espiritual, que tem como possibilidade, trazer a sensação de alegria sem uma sensação orgânica.

No momento em que Stein coloca em referência o próprio eu na vivência, ou seja, coloca em consideração a sua própria vivência, se descobrem assim relações causais: “descubro também minhas relações causais e as capacidades e propriedades da alma que se manifestam nela” (STEIN, 1916, p. 131). O prazer sentido, por exemplo, pode ser assumido como prioridade na vida de alguém e, nessa medida, a capacidade de sentir prazer pode ser, bem como outras capacidades psicofísicas, aumentada mediante o treino baseado nessas relações de causalidade. Aqui, pode-se relacionar com a questão da ciência, em que o objeto é colocado em uma dimensão espaço-temporal, sujeito a regras de causalidade, ou seja, as vivências no mundo são enquadradas mediante regras pré-determinadas.

---

<sup>1</sup> Sinteticamente para Stein o conceito de Alma faz referência ao conjunto de aspectos psíquicos e espirituais.

## O CORPO ESTRANHO COMO CENTRO DE ORIENTAÇÃO DO MUNDO ESPACIAL

A descrição realizada por Stein aborda o corpo vivo no que diz respeito a sua posição no mundo, ou seja, o seu ponto de orientação no espaço. Neste momento da descrição o corpo do indivíduo é observado pela faceta física. Assim, quando este corpo é colocado como ponto referencial no espaço, espaço em que estão presentes outros corpos situados no mundo, todos estes outros corpos se situam a uma distância de mim. Ou seja, os corpos se referenciam no mundo circundante se restringindo no posicionamento de distâncias, espaçamentos entre um corpo e outro. Como menciona Stein: *“o corpo do indivíduo, como mero corpo físico, é uma coisa espacial como outras e está dado em um lugar determinado no espaço, a uma determinada distância de mim, centro da orientação espacial, e em determinadas relações espaciais com o mundo espacial restante”* (p.143). Entre os possíveis corpos circundantes, destaca-se como fenômeno especial o corpo vivo sensível, ao qual se lança imediatamente o movimento de empatizar. Ocorre aqui uma nova maneira de se olhar para a realidade, para o mundo que o circunda como descreve Stein: *“me transfiro ao empatizado, obtenho uma nova imagem do mundo espacial e um novo ponto zero de orientação”* (p. 143), isto é, o ponto zero de orientação do outro. Descrevendo melhor o movimento empático, entre pelo menos dois corpos vivos estranhos, o ponto zero de orientação é conservado <<originário>>, e quando eu empatizo, por exemplo, uma dor, esta ação já é caracterizada como não-originária da experiência. Neste movimento não se tem uma orientação de fantasia do mundo, o que é obtido como menciona Stein é: *“corresponde à co-origenariedade como as sensações empatizadas, porque o corpo vivo para o qual a orientação está referida se dá no mesmo tempo do corpo físico percebido e porque está dada como originária para o outro eu”* (p.143).

Assim, pode-se dizer que o movimento empático, quando colocado na perspectiva da orientação dos corpos vivos que sentem o mundo, avança no que diz respeito a perceber o mundo em sua totalidade, em suas percepções externas, como fala Stein: *“para o eu que pertence ao corpo vivo que sente, a plena totalidade das percepções externas conforme cuja essência constitui o mundo espacial* (1916, p.143).

## O FENÔMENO DA EXPRESSÃO

A descrição realizada por Stein inicia o percurso da análise com a expressão do sentimento como um novo fenômeno. Assim, é colocado como exemplo, o ruborizar de vergonha. O primeiro movimento realizado pela pessoa que presencia a situação é identificar que o outro está com a face avermelhada, e assim tira-se uma conclusão de que o outro está com vergonha. Stein faz uma diferenciação importante no que diz respeito à relação entre o Sentimento e a Expressão e o Sentimento e o Sintoma Físico. Como Stein menciona: *“agora não dar atenção a uma origem causal das vivências físicas desde as psíquicas, nem muito menos uma mera simultaneidade de ambas, ou seja, sinto, no entanto que experimento o sentimento, como termina em uma expressão ou a libera desde si”* (1916, p.132).

Stein oferece atenção ao fenômeno sentimento como essência pura, como ela mesma descreve, *“o sentimento é algo não fechado em si, está de certo modo carregado com uma energia que libera a descarga”* (p.132). Tendo a definição do sentimento como essência pura, Stein descreve os modos como os sentimentos podem ser descarregados, expressados. Um deles tem relação com a vontade e ação, que possui a mesma relação entre o sentimento e fenômeno expressivo, assim, como é descrito por Stein: *“o mesmo sentimento que motiva um ato de vontade pode também motivar um fenômeno expressivo”* (p.132). A vontade é colocada neste contexto, pois quando se tem o sentimento, e a possibilidade da expressão do ato em que a vontade pode motivar, caracterizando-a como fenômeno essencial que motiva sempre, ou seja, tem-se o sentimento de motivação que tem como possibilidade oferecer em seus diversos modos a expressão do fenômeno, este podendo ser inicialmente corporal, podendo ser também psíquico ou até mesmo espiritual.

Um desses modos é similar à relação entre a vontade e a ação, uma relação essencial que não pode ser desfeita, isto é, onde há vontade há ação, mesmo que essa não seja efetivada –

o que seria o caso para a ação apenas imaginada. O mesmo vínculo essencial liga o sentimento ao fenômeno expressivo. Mas ambos os pares, à vontade e ação, sentimento e expressão, não são idênticos. Isto é, sentimento e ação possuem uma essencialidade, uma ligação que permite que o sentimento seja expresso, por exemplo, através de um sorriso, neste caso com a ação corporal. Assim, pode-se perceber que o sentimento traz sempre como possibilidade a <<expressão>> do fenômeno.

Assumida a redução à essência, isto é, o sentimento delimitado como vivência, o cuidado da observação desse fenômeno permite notar a manifestação de sentimentos sem que motivem um ato de vontade ou uma expressão corporal. Por exemplo, por nos encontrarmos em sociedade temos regras sociais que disciplinam nossas ações, restringindo nossas manifestações corpóreas. Como menciona Stein: “como já se sabe, nós <<pessoas civilizadas>>, temos que <<dominar>>, reprimir um ato de vontade ou uma expressão corporal de nossos sentimentos; estamos assim mesmos limitados em nossas ações e com ele, às vezes, em nossos atos de vontade” (p. 133). Outra maneira de realizar a ação despertada pelo sentimento é através da fantasia, ou seja, com a criação de outro mundo que representa a realização da vontade, uma forma de expressão. Stein escreve: “ou se podem realizar na fantasia ações que são impedidas na realidade” (p. 133).

Outra possibilidade de expressão descrita por Stein toma como exemplo o homem <<controlado>>, que apresenta uma feição comedida por questões sociais, éticas, ou estéticas. Este, com a presença do sentimento, pode liberar desde si um ato de reflexão que converte a si mesmo em objeto. Ou seja, na realidade social em que este homem vive, o mesmo assume algumas regras que regulam determinados comportamentos, por exemplo, evitar dar risada em alto tom, em um restaurante. Para melhor elucidar a situação desenvolvida acima Stein menciona: “a vivência possui seu fim no ato da reflexão, antepondo-se à vivência tanto no ato de vontade como no ato corporal” (p.135). Chama-se aqui a atenção ao que diz respeito à relação de intensidade da expressão com o modo na qual ela é expressada: é comum que se diga que o homem em situação de reflexão não é capaz de expressar o sentimento de maneira intensa. Tal afirmação é infundada, pois o modo de expressão do sentimento não diz nada sobre a intensidade do sentimento expressado. Como descreve Stein: “a expressão <<passional>> do sentimento, o sentimento acaba assim como acaba na reflexão <<fria>>” (p.134). Stein é clara ao explicitar o vínculo essencial entre sentimento e expressão: “o resultado de nossa consideração é que o sentimento pede, segundo sua essência, uma expressão, e os distintos tipos de expressão são distintas possibilidades essenciais” (p.134).

Assim, Stein aponta que entre o sentimento e a expressão há uma conexão essencial e de sentido que não é classificada como uma conexão causal. Isto é, a expressão do sentimento possui uma conexão essencial com o sentimento, mas essa conexão não determina que certo sentimento vá se expressar necessariamente de certa forma. Isto também se dá quando a ação é colocada no âmbito da realidade, no caso em que a sociedade impõe algumas normas e oferece, assim, um sentido para o ato. Como a própria autora menciona: “também como as outras formas possíveis, também a expressão corporal está vivenciada como procedente do sentimento e conforme o seu sentido” (1916, p.134). A expressão pode se adequar na posição mais prática, no âmbito corporal, por exemplo, dou risada, assim, minha alegria se exterioriza segundo a vivência dada, às vezes com a distorção dos lábios. Aqui pode-se dizer que existe uma expressão na esfera corporal, como menciona Stein: “a percepção corporal simultânea se realiza segundo o modo da atualidade, - consciente dela. Se logo dirijo minha atenção a troca percebida de meu corpo, me aparece como feito pelo sentimento. A unidade de sentido vivenciada se constitui conjuntamente” (p.134). Ou seja, existe uma conexão essencial entre o corpo e a psique, mas não há uma identidade, isto é, o sentimento e a expressão possuem uma ligação essencial, conectados por uma legalidade essencial necessária, entretanto são fenômenos distintos.

A questão a ser dar atenção é que a expressão corporal é vinculada a um sentimento, mas não é idêntica ao sentimento. O que pode nos indicar tal afirmação vai ao sentido de que uma expressão corporal tem como possibilidade a não indicação, por exemplo, de uma felicidade. Entretanto, o que Stein vem nos dizer vai ao sentido de que quando o sentimento é expresso, este não condiz de maneira exata àquele sentimento em sua pureza, como menciona

Stein: “a modificação corporal que aparece em uma expressão, não se dá como ela mesma” (1916, p.135).

## DISCUSSÃO

Os resultados deste trabalho permitem o desenvolvimento da discussão três facetas do sujeito psicofísico: a relação de Causalidade Psicofísica; o Corpo Vivo como centro de orientação Eu e o Fenômeno de Expressão.

Pode-se perceber que, embora Stein realize as reduções fenomenológicas, ao desvelar o fenômeno psicofísico o mesmo sempre é relacionado com a atitude espiritual. Quando estuda o ser humano a fenomenologia o analisa em sua esfera vivencial, o que traz como ponto de partida para a possibilidade do exame a percepção de nossas vivências no horizonte do fluxo de consciência. Colocando-nos no território das vivências, território originário em que o nosso relacionamento com o mundo ocorre, Stein constata uma descrição que nos mostra um estrato de vínculo com a realidade a partir de uma relação de causalidade psicofísica.

A fenomenologia desvela uma tríplice estrutura humana, compreendida com a corporeidade, psique e espírito. Tendo como exemplo a redução analítica à causalidade psicofísica presente como estrato de vivências cotidianas, destaca-se o fato de que na experiência mundana esta não é dada de modo reduzido, mas aperceptivo, portanto, intuída com a presença dos demais estratos, como o estrato espiritual.

Stein propõe um olhar integralizado, ou seja, o ser humano constituído pela estrutura tríplice, compondo, assim, uma unidade de sentido. A categorização realizada pela autora é feita em nível analítico e, nesse nível, propõe um destaque importante no que diz respeito à corporeidade, uma das três dimensões da tríplice, que pode ser circunscrita a fim de se conhecer como são as coisas mesmas. Como elucidado no parágrafo anterior, a fenomenologia analisa o humano, no território das vivências, isto é, reconhecendo o corpo como elemento primordial para se ter a percepção do mundo circundante. Stein, então, do ponto de partida vivencial, inicia a análise do corpo vivo (*Lieb*) para seguir desvelando as outras duas facetas: a psíquica e a espiritual.

Os aspectos trazidos por Stein permitem identificar a ligação essencial entre corpo, psique e espírito formando a unidade de sentido dada à intuição aperceptiva. Nessa unidade, contudo, a redução fenomenológica permite individuar aspectos fenomênicos propriamente referentes aos sentidos sensíveis que dão ao corpo – e não à psique e ao espírito – a função originária para termos o contato com o mundo, sendo considerado como centro de orientação de meu Eu. Se é feita abstração da sensibilidade, isto é, se a variação eidética efetua a subtração dos cinco sentidos, trabalha-se com presenças efetivamente incorpóreas, um mundo de idéias cujo vínculo com o mundo só pode ser recuperado com a reconsideração dos sentidos, do corpo.

A fenomenologia clássica traz justamente a possibilidade do resgate da integralidade do ser em sua tríplice estrutura humana.

A breve consideração por estas facetas da corporeidade apontam como a mesma é preenchida pelo horizonte do homem em sua integralidade. Isto é, quando o corpo é analisado, em meio ao território das vivências, inicia-se a possibilidade de abertura para seu horizonte integral, constituído de corporeidade, psique e espírito. Tem-se, assim, a necessidade de identificar o corpo vivo (*Lieb*), ou seja, o corpo que possui uma ligação essencial entre corpo e psique, e junto a isso a presença do ato espiritual. Este último nos diferencia das plantas e dos outros animais, proporcionando-nos uma vivência singular da coisa, isto é, uma vivência preenchida de sentido.

## BIBLIOGRAFIA

ALES BELLO, Angela A. *Fenomenologia e ciências humanas: implicações éticas*. Memorandum, 11, 28-34, 2006. Retirado em 09/12/2008, do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/alesbello04.pdf>

ALES BELLO, Angela. *A Fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Bauru: Editora EDUSC, 2000.

COELHO Júnior, A.G & MIGUEL, M. *A Relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein*. Memorandum, 11, 08-27, 2006. Retirado em 29/01/2009, do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/coelhomahfoud01.pdf>

COELHO Júnior, A. G. *As Especificidades da Comunidade Religiosa: Pessoa e Comunidade na Obra de Edith Sten*. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais. 2006.

Stein, E. *Sobre el Problema de la Empatía*. 2ª Ed. São Paulo: SET **Editora** Ltda. Falcon. (Original publicado em 1917)

GARCIA, Turolo, A. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Loyola, 2007.